

Calum Alasdair Maciver, *Quintus Smyrnaeus' Posthomerica: Engaging Homer in Late Antiquity*. Mnemosyne supplements. Monographs on Greek and Latin Language and Literature 343, Leiden-Boston, Brill, 2012, vii+224 pp. [ISBN 978-90-04-23020-0]

JOAQUIM J. S. PINHEIRO¹⁵ (*Universidade da Madeira; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra — Portugal*)

Este livro corresponde, com algumas alterações, à tese de doutoramento de C. A. Maciver (Edimburgo, 2008). Nele, Maciver analisa, numa perspectiva intertextual, o modo como Quinto de Esmirna se apropria dos Poemas Homéricos, não deixando de referir outros autores (Hesíodo, Arato, Apolónio de Rodes, Calímaco ou Vergílio), o que revela um notável domínio da tradição épica. O Autor identifica três elementos principais para a abordagem intertextual do poema *Posthomerica*: os símiles, as *gnomai* e a *ekphrasis*. Além destes, analisa, ainda, a caracterização, os valores éticos, a narratologia, o destino e os deuses. Na Introdução, Maciver defende, tal como outros estudiosos, que o poema *Posthomerica* terá sido composto no século III d. C., *terminus post quem* a *Haliêutica* de Opiano e *terminus ante quem* o *epyllion* de Trifiodoro, intitulado *O Saque de Tróia*. Recusa, no entanto, a leitura que é feita por James & Lee (*A Commentary on Quintus of Smyrna Posthomerica*. Leiden 2000, 8) de que Quinto, autor da *Posthomerica*, seja o mesmo Quinto, pai de Doroteu (ὁ Κυντιάδης Δωρόθεος) referido na *Visio Dorothei* (P. Bodmer 29, papiro que será dos séculos IV ou V d. C.). Considerando que as informações biográficas sobre o autor da *Posthomerica* são escassas, bem como a falta de *testimonia*, para Maciver não é possível estabelecer qualquer relação entre Quinto de Esmirna e Doroteu, nem sequer a hipótese de Doroteu ter sido discípulo de Quinto, sustentada por Bär (*Quintus Smyrnaeus, Posthomerica 1: die Wiedergeburt des Epos aus dem Geiste der Amazonomachie. Mit einem Kommentar zu den Versen 1-219*. Göttingen 2009, 18-23). Inconclusivas são, também, as referências que são feitas à *Posthomerica* por autores da época bizantina (Eustácio e Tzetzes), pois, segundo Maciver: “The Byzantine commentators presumably reflect earlier scholarly

¹⁵ pinus@uma.pt.

traditions in the treatment of the *Posthomerica*." (5). De seguida, o Autor estrutura, de forma coerente, o seu livro em quatro capítulos (I. "Signs of the Times: Being Homer Later"; II. "Ecphrasis and the Emblems of the Past"; III. "Speaking Morality through Gnomai"; IV. "Posthomerica Similes, Homeric Likenesses").

No Primeiro Capítulo, Maciver explora vários temas interessantes em cada uma das três partes (i. *Reading Quintus Reading Homer*; ii. *A Late Antique Aesthetic?*; iii. *(M)use-less Singing: Quintus' Art?*). Um dos temas é a proximidade entre o verso homérico e o de Quinto. Para provar esta intensa imitação, o A. recorre aos elementos que constam nos estudos de Vian (*Recherches sur les Posthomerica de Quintus de Smyrne*. Paris 1959), Appel (*Die homerischen hapax legomena in den Posthomerica des Quintus Smyrnaeus*. Torún 1994), James & Lee (*op. cit.*) e Bär (*op. cit.*), como por exemplo a repetição de 720 adjectivos homéricos, enquanto 220 não o são, ou o facto de em cada 10 palavras na *Posthomerica* uma ser um *hapax legomenon*. Além disso, para reforçar essa ligação, três dos manuscritos do poema encontravam-se entre a *Ilíada* e a *Odisséia*. Estes vários aspectos, contribuíram para que, na Idade Média, a *Posthomerica* fosse mais vista como uma seqüela da *Ilíada* do que pelas suas qualidades literárias. Nesse contexto, Maciver privilegiará uma metodologia de análise que promova a interacção dos textos, atribuindo ao leitor um papel de significativo relevo. Entende-se, assim, o texto como espaço multidimensional e valoriza-se a ideia de Quinto enquanto leitor, que se manifesta, por exemplo, pelo recurso a alusões. Porventura, esta explicação da concepção de 'intertextualidade', diferente da enunciada por J. Kristeva, devesse constar da introdução, devido à sua transversalidade no estudo.

Porém, a análise deste poema é bastante dificultada pelo facto de estarmos na presença de um "poem of extremes" (13). Apesar de ser um poema mais pequeno do que a *Ilíada*, a *Posthomerica* tem três *ekphraseis* de larga escala (Livro V: o escudo de Aquiles; Livro VI: o escudo de Eurípilo; Livro IX: as armas de Filoctetes), possui mais símiles longos do que a *Ilíada* (226 a *Posthomerica*, enquanto a *Ilíada* 197) e verifica-se, segundo Maciver, uma maior concentração de vocabulário (por exemplo, *στονόεις* surge 82 vezes na *Posthomerica*, mas apenas 8 na *Ilíada*). Por causa destes extremos e alguma

monotonia descritiva e vocabular, o poema conheceu, em diversos períodos, uma recepção negativa. De facto, como o A. refere, a épica *Posthomérica* não é um poema 'clássico', atendendo às dificuldades em categorizá-lo na poesia grega do período imperial. Pelo tamanho e natureza não é um verdadeiro poema alexandrino, ainda que tenha várias características alexandrinas, mas também não atinge a estética barroca da épica de Nono. Um outro assunto tratado pelo A. é o da problemática ligação de Quinto à Segunda Sofística. Se a Segunda Sofística, enquanto fenómeno literário, se caracteriza pela prosa retórica em dialecto ático (cf. Whitmarsh. *The Second Sophistic*. Oxford 2005, 42-3), então Quinto não se enquadra porque escreve poesia, em dialecto homérico, embora, naturalmente, seja um *pepaideumenos* e a sua obra contenha reminiscências da Segunda Sofística.

Sem dúvida que a épica de Quinto é excessivamente homérica, mas Maciver identifica, ao longo do seu trabalho, vários aspectos (episódios, personagens, estrutura, entre outros) que revelam como Quinto imitou, manipulou, comentou e transformou o modelo homérico, daí que o A. define o poema da seguinte forma: "The *Posthomérica* is long and episodic, very Homeric and non-Homeric, post Alexandrian and Alexandrian, anti-Calimachean but also Calimachean" (24).

O Segundo Capítulo tem como tema central a análise da *ekphrasis* na *Posthomérica*. Maciver descreve, com uma exaustiva intertextualidade com o passado e, em particular, com a épica homérica, uma das três *ekphraseis* da *Posthomérica*, a do escudo de Aquiles e, associada a esta, também a da Montanha da *Arete*. Apesar da proximidade ao modelo homérico, o A. prova que Quinto inova e é original, mas, acima de tudo, procura demonstrar que o escudo de Aquiles é um episódio emblemático no poema, por implicar representação, concentração e epítome. Nesse sentido, o A. elabora uma persuasiva análise intratextual dessa *ekphrasis*, defendendo que a descrição do escudo de Aquiles, tem uma função *mise-en-abîme*. Quanto à Montanha da *Arete*, que integra a *ekphrasis* do escudo de Aquiles, também é, segundo o A., um emblema ético, pela sua dimensão filosófica: "is a stoic image by the time of Quintus" (70). Desse modo, a *ekphrasis* remete-nos para o contexto filosófico e cultural da *Posthomérica*.

No Terceiro Capítulo, Maciver analisa o sentido ético e filosófico das *gnomai*, em particular nas palavras de Nestor a Podalírio (VII.44-55 e

VII.66-92), com o objectivo de provar que um dos traços identitários do poema de Quinto é a forma como se concilia o Estoicismo com os ideais homéricos. Para se compreender melhor o efeito da *gnome* no poema poderia ter sido feita uma contextualização retórica do seu uso, recorrendo-se a autores como Anaxímenes de Lâmpsaco, Aftónio ou Hermógenes. Apesar disso, o A. consegue demonstrar o alcance intratextual das *gnomai*, bem como o seu carácter universal.

No último Capítulo, de forma muito pormenorizada e quase repetindo a obsessão exegética dos *scholia* homéricos, Maciver interpreta uma das marcas 'mecânicas' da narrativa épica: os símiles. Em proporção, a *Posthomerica* tem mais símiles do que os Poemas Homéricos, como sucede, aliás, também em relação às *gnomai*. O uso do símile pode ser uma forma de evocar a poesia homérica, mas também não deixa de ser verdade que a poesia grega do período imperial tem essa marca característica. Partindo de símiles ligados a Pentesileia (Livro I.*passim*), Helena (Livro XIV.39-62 e Livro X.389-405) e Neoptólemo (VIII.329-340 e VIII.23-33), o A. promove, uma vez mais, uma análise intratextual, em que interpreta os símiles e o seu alcance temático dentro da estrutura do poema. No caso de Neoptólemo, um dos heróis com maior relevo no poema de Quinto, prova-se a influência homérica na sua caracterização, mas também as de Apolónio de Rodes e de Vergílio, ou seja, a leitura de um símile obriga a múltiplas interacções épicas.

Depois deste Capítulo, o estudo inclui ainda um Índice Geral bastante completo e um igualmente útil *index locorum*, como é hábito desta prestigiada colecção, embora lhe falte uma conclusão que ilustre melhor todo o labor de interpretação que o A. evidencia ao longo dos quatro capítulos. Estamos, sem dúvida, na presença de um dos mais interessantes estudos sobre a *Posthomerica* dos últimos anos e que suscita no leitor uma visão prismática do género épico. Maciver perscruta a estética do poema e, além disso, aborda o seu conteúdo ético, identificando a presença de elementos estóicos no poema. Como arguto leitor da *Posthomerica*, demonstra que a recepção da tradição épica clássica, em particular da poesia homérica, não deve servir para desvalorizar o poema de Quinto, pois o efeito emulador não anula a sua originalidade e identidade.